

- **Ministro Jungmann defende expansão da indústria de defesa no Nordeste***
- **Bomba nuclear inerte passa em primeiro teste de voo no F-16***
- **Consolidação do Comando de Defesa Cibernética***
- **Airbus D&S could lose out on satellite deal if UK seeks competition***

Ministro Jungmann defende expansão da indústria de defesa no Nordeste*

Em reunião com empresários na sede da Federação das Indústrias do Estado de Pernambuco (FIEPE), nesta segunda-feira (17), o ministro da Defesa, Raul Jungmann, defendeu a descentralização das indústrias de defesa no país. Segundo o ministro, atualmente as fábricas estão centralizadas nas regiões Sul e no Sudeste e, para que as empresas tenham interesse em deslocar-se para o Nordeste, é necessário criar um ambiente que permita essa mudança.

"Essa federação é um ativo importante do povo e do estado de Pernambuco. A federação sempre lutou pela industrialização e pela geração de empregos no estado", contou.

Jungmann disse que a indústria da defesa tem a capacidade de alavancar tecnologia e inovação no país. "É absolutamente estratégico para um país ter uma base de indústria de defesa", afirmou.

Porém, segundo o ministro, esse é um mercado muito peculiar, com características muito específicas. A indústria da defesa é fundamental para a soberania nacional.

O ministro informou que algumas ações da pasta em curso foram o financiamento especial junto ao BNDES e a assinatura de protocolo com o Governo de Pernambuco, "para criarmos as condições do Estado receber essas indústrias".

"Temos que ser capazes, aqui em Pernambuco, de ocupar essas possibilidades e essa janela de desenvolvimento da indústria de defesa do estado. Isso está nas nossas mãos. O Ministério da Defesa já está trabalhando com o Porto Digital para o fornecimento de tecnologia de ponta para a indústria da defesa", narrou.

E prosseguiu: "Agora, compete ao Estado de Pernambuco, e em particular essa Federação, ajudar a criar condições favoráveis para atrair essas indústrias para cá".

FIEPE

Para o presidente da FIEPE, Ricardo Essinger, indústria da defesa pode ser um impulsionador para a retomada da indústria no Estado. "Gostaríamos que o Ministério da Defesa abrisse aqui em Pernambuco um escritório de compras para que nossas pequenas e médias empresas possam ser fornecedoras para as Forças Armadas", destacou.

Segundo Essinger, “as indústrias de defesa que pretendem se instalar aqui vão encontrar um ambiente propício para seu desenvolvimento”. Continuou: “Temos um parque de fornecedores de produtos e temos o Porto Digital, que é um parque tecnológico avançado que pode suprir essas novas indústrias no que há de mais moderno nas novas tecnologias e na inovação”.

Fonte: Ministério da Defesa

Data: 12 de abril de 2017

Link: <http://www.defesa.gov.br/noticias/30134-ministro-jungmann-defende-expansao-da-industria-de-defesa-no-nordeste>

Bomba nuclear inerte passa em primeiro teste de voo no F-16*

Uma aeronave F-16 da Força Aérea dos EUA lançou uma bomba nuclear B61 inerte em um teste recentemente, demonstrando a capacidade da aeronave de lançar a bomba e testar o funcionamento dos componentes não-nucleares da arma, incluindo o armamento e sistema de controle de tiro, radar-altímetro, motores de foguete de rotação e computador de controle de armas.

O caça do 422nd Test and Evaluation Squadron da Nellis AFB, Nevada, lançou a arma sobre o Nellis Test e Training Range Complex no primeiro teste de uso da B61 atualizada, conhecida como B61-12, com aeronave F-16.

O teste foi realizado no âmbito de um programa de extensão de vida para a B61, que está sendo renovada em seus componentes nucleares e não nucleares para prolongar sua vida útil, melhorando simultaneamente sua segurança, segurança e fiabilidade.

Quando concluída, a nova versão B61-12 substituirá quatro versões da bomba B61 presentemente no arsenal nuclear dos EUA, agilizando a produção e logística.

O programa de extensão de vida B61-12 é gerenciado pelo Centro de Armas Nucleares da Força Aérea (AFNWC) em conjunto com a Administração Nacional de Segurança Nuclear do Departamento de Energia.

“A bomba de gravidade B61-12 garante a capacidade atual para o braço aéreo da tríade nuclear estratégica norte-americana bem no futuro, tanto para bombardeiros como para aeronaves com capacidade dupla que apóiem a OTAN”, disse Paul Waugh, diretor de Capacidades Aéreas da AFNWC. A B61-12 será compatível com os aviões B-2A, B-21, F-15E, F-16C/D, F-16 MLU, F-35 e PA-200.

A montagem da bomba não nuclear utilizada para o teste em voo foi projetada e fabricada por Sandia National Laboratories e Los Alamos National Laboratory como centros de pesquisa e desenvolvimento financiados pelo governo federal que operam sob NNSA. A montagem do kit de cauda acoplada ao front-end da NNSA foi projetada pela companhia de Boeing sob um contrato de AFNWC.

Cerca de 200 funcionários da Diretoria de Capacidades Aéreas da AFNWC fornecem, sustentam e apoiam sistemas de armas nucleares entregues pelo ar. A diretoria é sediada em Kirtland AFB e supervisiona locais em Eglin AFB, Flórida; Base Conjunta San Antonio, Texas; Ramstein AB, Alemanha; Robins AFB, Geórgia; Tinker AFB, Oklahoma; E Wright-Patterson AFB, Ohio.

O centro é responsável por sincronizar todos os aspectos da gestão de materiais nucleares em nome do Comando de Material da Força Aérea em apoio direto ao Comando Global de Ataque da Força Aérea. Com sede em Kirtland AFB, o centro tem cerca de 1.900 funcionários em 17 locais em todo o mundo.

Fonte: Poder Aéreo

Data da publicação: 19 de abril

Link: <http://www.aereo.jor.br/2017/04/19/bomba-nuclear-inerte-passa-em-primeiro-teste-de-voo-no-f-16/>

Consolidação do Comando de Defesa Cibernética*

Brasília (DF) – O Comando de Defesa Cibernética é composto por militares da Marinha, do Exército e da Força Aérea. Sua consolidação como Comando Operacional Conjunto que integra a estrutura regimental do Exército Brasileiro foi celebrada, junto a seu primeiro aniversário, em um evento no Quartel-General do Exército, Forte Caxias.

O workshop que abriu o encontro abordou as lições aprendidas nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016. “Nós podemos dizer que atingimos um bom nível de operacionalidade e que nossos militares, apesar de todas as dificuldades, têm condições de atuar de várias formas no cenário cibernético”, situou o Comandante de Defesa Cibernética, General de Divisão Angelo Kawakami Okamura.

O General explicou que o setor de defesa cibernética foi desenvolvido a partir do Centro de Defesa Cibernética, que hoje é uma das estruturas do Comando e evoluiu com as demandas trazidas pelos grandes eventos sediados pelo Brasil, desde a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20, em 2012, até os Jogos Rio 2016.

O amadurecimento da área de Defesa Cibernética, a constante capacitação e a integração entre as Forças Armadas com agências governamentais e empresas foram citados como importantes legados para o desenvolvimento do setor no Brasil após a Rio

2016. Agências governamentais estrangeiras, como o FBI, dos Estados Unidos, e o Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos no Japão para 2020, também estreitaram o relacionamento com as instituições brasileiras durante os Jogos ocorridos no Rio de Janeiro.

O Chefe do Centro de Defesa Cibernética, General de Brigada Carlos Roberto Pinto de Souza, e a Gerente-Geral do Centro de Estudos, Resposta e Tratamento de Incidentes de Segurança no Brasil, Cristine Hoepers, compartilharam as experiências das equipes de trabalho, destacando a cooperação e a relação de confiança estabelecida desde o planejamento até o período de realização dos Grandes Eventos de 2016.

Fonte: Exército Brasileiro

Data da publicação: 18 de abril

Link: http://www.eb.mil.br/web/noticias/noticiario-do-exercito/-/asset_publisher/MjaG93KcunQI/content/id/8101657

Airbus D&S could lose out on satellite deal if UK seeks competition*

LONDON — The British Ministry of Defence is close to a decision on whether the country buys a new military communications satellite from incumbent supplier Airbus Defence and Space or opens the requirement up to competition, according to executives familiar with the program.

MoD officials at Joint Forces Command responsible for Britain's military satellite communications capability have been prevaricating over whether to go single source

and buy the spacecraft, known as Skynet 6A, from Airbus or throw the procurement open to rival bids from Boeing, Lockheed Martin and Thales Alenia Space.

While the MoD has remained rather mum, several industry executives reckon there could be a decision within a week or two, although they say it's unclear what impact the Conservative government's decision to hold a snap general election on June 8 may have on the timing of any announcement.

Shaping UK military space industry

By itself, a one-satellite requirement is no big deal, but where the contract ends up could have implications for the future industrial base and military space procurement options here.

All four satellite companies responded to an MoD questionnaire last year, and British officials have visited company satellite facilities in the U.S. and Europe to assess security, the ability to meet sovereignty and U.K. industrial base requirements, and other issues ahead of making the decision.

The satellite is planned to fill a possible capacity gap as early satellites in the Skynet 5 constellation currently used by the military approach the end of their lives ahead of a new generation of communications capabilities becoming available toward the end of the next decade.

Four Skynet 5 satellites supply the British military with communications capacity as part of a ground-breaking private finance initiative deal in 2002, which saw Airbus provide the spacecraft, buy ground terminals and operate the ground stations in a 20-year, £3.6 billion (U.S. \$4.5 billion) agreement with the MoD.

The first three satellites were launched in 2007 and 2008, and the final spacecraft — Skynet 5D — was launched at the end of 2012.

Up until last year, the satellite communications requirement was known as the future beyond line-of-sight, or FBLOS, program.

Now it has been renamed Skynet 6 and packaged into three elements: a stop-gap spacecraft, a service delivery package to manage ground operations and an enduring capability program to provide future communication system capacity beyond the end of the next decade.

All the packages will eventually be contracted by industry starting with the 6A satellite.

Capability rollout

The service delivery element needs to be in place by 2022 when the Airbus private finance initiative deal expires and the Skynet 5 satellites and ground stations are handed back to the MoD for a pound.

“The current intention is that a service package will be required to be in place six to 12 months before the Skynet 5 PFI expires in August 2022,” according to the MoD.

The final part of the Skynet 6 requirement will be the introduction of a future enduring communications capability, which will partly be provided by satellites; however, other innovative systems, like Airbus-built Zephyr solar powered unmanned aircraft, which fly on the edge of space, may also be in the mix.

The British military has already ordered three Zephyrs for evaluation.

The MoD didn't respond to a question about the timing for the introduction of an enduring capability beyond Skynet6A, but the expectation is that systems will start being rolled out around 2028 or 2029.

The competition dilemma

There have been dissenting voices in the MoD on which route to follow, according to one executive who spoke on condition of anonymity.

"Some thought there should be a competition, and some believed there was no credible competition [to Airbus] given the sovereignty requirements, be that based on issues like where the satellite is built, jobs in the U.K. or much more esoteric definitions of sovereignty, which allow you freedom to do what you want with the spacecraft once you have bought it," he said.

Richard Franklin, the head of the Airbus secure communications business, said the company was committed to support the MoD's decision either way.

But, he reckons: "A single-source award would save substantial procurement costs for the MoD and support an earlier launch date if required."

Nik Smith, Lockheed Martin's U.K. lead for military space, said his company would welcome the chance to demonstrate its capabilities.

"We think competition is the right way to move forward the capability and other value for money reasons," Smith said. "If the MoD believe[s] they have good justification to sole source Skynet 6A, we want to seek reassurance that the follow-on elements of the program will be competed. That's important for a number of reasons from building industrial base through to delivering the right capability to the war fighter."

Fonte: Defense News

Data da publicação: 18 de abril

Link: <http://www.defensenews.com/articles/airbus-d-s-could-lose-out-on-satellite-deal-if-uk-seeks-competition>

* Não mencionado o autor no texto.